

ORQUESTRA DE FLAUTAS DOCES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS

Juliana Rigon Pedrini

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência apresentado recentemente no XVII Encontro Nacional da ABEM, sobre o Projeto de Extensão Orquestra de Flautas Doces do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, que iniciou suas atividades em julho de 2007, sob minha coordenação. O projeto tem por objetivos proporcionar o desenvolvimento musical dos alunos através de experimentação, reflexão, criação e execução de arranjos e composições coletivas utilizando a flauta doce. Atualmente, o Projeto conta com um bolsista da PROEXT e uma bolsista voluntária, que, juntamente comigo, atendem 33 alunos. O Projeto surgiu buscando amenizar problemas encontrados: desmotivação dos alunos menos adiantados, o repertório oferecido nas aulas de flauta doce em geral é distante da realidade dos alunos e as freqüentes abordagens que focalizam mais os aspectos técnicos do que a compreensão dos alunos.

Palavras-chave: Flauta doce, orquestra, desenvolvimento musical.

Tive minha formação musical em um Projeto de Extensão da Universidade Federal. Considero a Extensão das Universidades importantíssima para a comunidade em geral pois possibilita interação entre as duas. As Universidades abrem espaços para a comunidade ter contato com o “Mundo interno” da Instituição, enquanto o público traz bagagem e curiosidade para o trabalho da mesma.

A extensão é, por excelência, o canal de comunicação entre a Universidade e a comunidade. Em geral ela é concebida como a atividade em que os professores universitários estendem o seu conhecimento especializado à sociedade. No entanto, é necessário ter sempre presente que o conhecimento não é só produzido intra-muros. Na comunidade não-acadêmica encontram-se também pesquisadores, produtores científicos, tecnológicos e culturais que, através da Extensão devem ter a oportunidade de levar à Universidade seu saber e sua produção, contribuindo, sem dúvida, para o enriquecimento do debate de idéias e o aperfeiçoamento da sociedade. (Appel, 1990, p.38)

Quando ingressei como professora da Educação Básica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criei o Projeto de Extensão “Orquestra de Flautas Doces do CAp (Colégio de Aplicação)”.

Considero a prática de conjunto importantíssima para a formação musical do aluno. “Os alunos, em pequenos grupos, trarão suas próprias interpretações e tomarão suas próprias decisões musicais em muitos níveis. Eles começarão a se “apropriar” da música por eles mesmos.” (Swanwick,2003, p.67)

Como estudante, tive oportunidade de fazer parte de coros e orquestras, que foram fundamentais para minha formação musical. Como professora, deparei-me com alunos menos adiantados no instrumento ou com maior dificuldade em aprendê-lo que acabavam se desmotivando.

O repertório oferecido pelos professores normalmente é distante do mundo do aluno, o que também faz com que se desinteresse pelas aulas de música ou pelo ensino de instrumentos musicais.

São freqüentes, em escolas específicas de música, ou no currículo escolar que oferece Educação Musical como disciplina obrigatória, as abordagens que focalizam mais os aspectos técnicos do que a compreensão, o que pode, também, acarretar o desinteresse do aluno.

Em relação ao ensino instrumental na aula de música e, mais especificamente, da flauta doce, uma idéia que deveria nortear o trabalho dos professores é a de que se pode fazer música com expressividade em todos os níveis, desde a primeira aula. Assim, devem ser evitados os exercícios puramente técnicos que não sirvam ao objetivo central que é a própria expressão musical de uma obra, ou seja, uma composição própria ou de outra pessoa. (Beineke, 2003, p.88)

Diante de tais empecilhos, por considerar o cotidiano dos alunos muito importante para construir práticas significativas de ensino de música, resolvi criar a Orquestra de Flautas Doces na escola.

Meu objetivo é proporcionar o desenvolvimento musical dos alunos, através da execução de repertório escolhido pelo grupo de alunos. Propiciar que os alunos experimentem, reflitam, criem e executem arranjos coletivos, desenvolver a prática da apreciação musical, buscando pontos para futura composição, integrar alunos de diferentes níveis na prática do instrumento para juntos executarem o repertório e socializar os arranjos e as composições dos grupos.

A aproximação com processos fundamentais da música acontecem com atividades que utilizam Técnica, Execução, Composição, Literatura e Apreciação (Swanwick, 2003, p.68), no meu caso, através da flauta doce. Pois, “Composição, apreciação e performance são os processos fundamentais da música enquanto fenômeno e experiência, aqueles que exprimem sua natureza, relevância e significado”. (FRANÇA e SWANWICK, 2002, p.8).

Ainda espero incentivar os alunos que ingressam na escola nas etapas em que o ensino da flauta doce não é mais conteúdo a tocarem flauta doce, encorajar outros professores a fazerem grupos de composição, juntar as composições e arranjos e editá-los em um livro, participar de apresentações e projetos da escola como “Música & Cidadania”, “Coro do CAp”, “Mostra de Arte, Ensino, Pesquisa e Extensão do CAp”, entre outros.

O primeiro passo para iniciar o Projeto foi abrir inscrições para interessados em ingressar em um grupo de flauta doce e agrupá-los de acordo com a disponibilidade de horário.

A orquestra iniciou suas atividades em julho do ano passado, tendo seu primeiro encontro em 9 de agosto, com 11 alunos, apenas um da escola. Hoje, entre seus 33 participantes estão 2 professores e 4 alunos do Colégio, 2 alunos da graduação e 2 da pós-graduação da UFRGS, alunos comunidade em geral, inclusive vindos de Cachoeirinha e Guaíba (Grande Porto Alegre).

As aulas acontecem às quartas e sextas-feiras, à tarde. Os alunos foram divididos por níveis, mas temos os encontros da orquestra, onde todos tocam juntos. O repertório é escolhido pelo grupo, sendo que ano passado fizemos um *pout pourri* de funks escolhidos pelos próprios participantes e agora estamos tocando Maluco Beleza, de Raul Seixas, com arranjos do compositor Jean Presser, especialmente para a formação da Orquestra.

Já puderam explorar o instrumento, fazer a grade de músicas que serão ouvidas pelo grupo no decorrer do desenvolvimento do projeto, além da análise e discussão do repertório antes da execução, da escolha do que fazer: compor uma nova música, arranjar a que foi ouvida, ou apenas aprender com ela para uma futura composição.

Ainda não compusemos juntos, apenas são feitas improvisações em aula ou no “Divertimento Musical”. Como os alunos demonstram muita alegria em participar da aula e pedem para fazer encontros do grande grupo, criamos um momento de “Diversão Musical”, onde todos que querem podem participar e fazem o que gostam como tocar o que estão aprendendo para os demais colegas, dançar ou fazer ritmos em copos que aprenderam em outras aulas ou executar outros instrumentos além da flauta doce.

Há diferentes maneiras de o professor encorajar as crianças a vivenciar música:

- Cantar junto com os alunos;
- Ouvir e gravar, se possível, as canções executadas por eles;
- Dançar com a criança enquanto ouve música;

- Tocar um instrumento (ou reproduzir música de CDs ou fitas) para acompanhar as atividades das crianças enquanto elas se movimentam. Brincam, escrevem, desenham etc. Nesse caso, o melhor é que as atividades diferenciadas sejam uma proposta integrada com a música. (Joly, 2003, p.119)

Temos ainda como objetivo compor em grupo, sendo inicialmente feito o registro das composições em áudio, para serem avaliadas e, quando forem considerado prontos, sejam registrados em partitura convencional, para futura edição dos arranjos e composições do grupo.

A importância do planejamento de ensino e da avaliação é evidente, pois toda ação educativa tem uma intenção, seja ela consciente ou inconsciente. (...) O compromisso do educador musical é possibilitar ao aluno a descoberta de um universo de significados intersubjetivos que só o contato com a música nos permite. Para que a ação educativa se cumpra, é necessário que nós, professores, revisemos constantemente os nossos planejamentos e as nossas avaliações para, acima de tudo, auxiliar o nosso aluno no seu processo de desenvolvimento musical. (Hentschke e Del Ben, 2003, p.188)

Além de planejar, o meu papel como professora e coordenadora, é pesquisar repertórios que enriqueçam as descobertas dos alunos.

Referências:

APPEL, Myrna Mariza B. *Extensão na área de ciências humanas, letras e artes*. In: MANFROI, Waldomiro C. (coord) Anais do Seminário de Extensão da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS/PROEXT, 1990.

BEINEKE, Viviane. *O ensino de flauta doce na educação fundamental*. In: HENTSCHE, Liane; DEL BEN, Luciana (Org.) Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003.

(Joly, 2003, p.119) será que esta referência está neste livro? Deveria aparecer novamente, com o título do texto deste autor?!?

FRANÇA, Cecília C.; SWANWICK. *Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática*. In: Em pauta: revista do Programa de Pós-Graduação em Música: mestrado e doutorado Vol.13, n.21 (2002).

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução: Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.